



Formação e atuação do jornalista no interior: o caso do jornal Folha Nativa, de Irai¹

Eveline Poncio² e Cláudia Herte de Moraes³.
Centro de Educação Superior Norte RS/Cesnors – UFSM

Resumo

O artigo reflete sobre a importância da formação do jornalista que atua no interior. Leva em consideração o direito dos cidadãos à informação e a função social do jornalista, seja ele de um pequeno ou grande jornal. Aponta algumas deficiências do jornalismo interiorano, como a falta de jornalistas profissionais, pouca estrutura e relação muitas vezes direta com o poder local. Conclui-se sobre a pertinência de estudos aprofundados sobre o tema, e sobre a urgência da profissionalização apontando que o jornalismo interiorano tem potencial de mercado e de empregos para os jornalistas.

Palavras-chave

Formação e ética jornalística; jornalismo gaúcho; jornalismo do interior; jornal Folha Nativa

Formação universitária e o papel do jornalista na atualidade

Mesmo reconhecendo a realidade como um processo, e este sempre em transformação, não podemos deixar de lado a grande influência que o mercado de trabalho impõe ao ensino superior. Pensar no perfil profissional solicitado pelo mundo do trabalho na atualidade é pensar que a formação profissional tem um fim prático e econômico de suma importância. Assim, o papel do jornalista, como parte importante na formação de consensos e do espaço público, é destacado na atualidade.

A formação do jornalista está, assim, ligada às necessidades do exercício concreto de sua profissão, ampliando a importância do ensino de jornalismo. A educação superior profissional teve seus primeiros passos no início século 20, ainda antes de haver a primeira revolução tecnológica da comunicação de massa, pelo rádio e pela televisão nos Estados Unidos. A expansão, ao longo do século, foi notável e sempre carregou o debate entre a prática e a teoria (TRAQUINA, 2004).

Podemos afirmar que as disciplinas técnicas são importantes, porém não

¹ Trabalho de Iniciação Científica apresentado ao GT Jornalismo, do VIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sul.

² Acadêmica do 2º semestre do curso de Jornalismo do Centro de Educação Norte RS – Cesnors/UFSM, campus de Frederico Westphalen. Trabalho realizado como parte da pesquisa “Comunicação e Jornalismo em Frederico Westphalen e região: levantamento histórico e perspectivas”.

³ Professora assistente do Cesnors/UFSM, coordenadora da pesquisa citada.



devem apenas reproduzir os ambientes profissionais aos quais o formado terá contato no seu cotidiano. A crítica ao funcionamento dos meios de comunicação deve ser consistente, no sentido de busca de melhorias concretas, quando do ingresso do formado no ambiente de trabalho.

A era industrial na produção jornalística, conforme assinala MEDINA (1988), a partir da transformação da informação num negócio - que no Brasil começa a funcionar a pleno na metade do século passado, exige que as escolas de Jornalismo alimentem as redações com profissionais minimamente treinados para apontar em, no máximo 15 minutos, as respostas às seis questões clássicas do lead (o que, quem, quando, onde, quando e por que?).

Cabe observar que existe, no Jornalismo brasileiro, forte influência do americano, principalmente em relação ao valor dos conceitos de objetividade e liberdade de imprensa. Analisando esta influência, LINS DA SILVA (1991) aponta as adaptações ao modelo, inseridas no contexto do desenvolvimento do capitalismo no Brasil e suas configurações regionais. Uma crítica feita pelo autor é que, mesmo difundidos, os conceitos tornam-se falácias, pois a prática no Brasil esbarra num controle quase que absoluto do Estado em relação às outras instituições.

As questões éticas, por fim, devem ser soberanas nos cursos, pois é necessário que o papel do jornalista na sociedade faça parte do seu entendimento profissional. Para KOVACH & ROSENTHIEL (2004), que analisaram a fundo os elementos do Jornalismo, o monitoramento do poder de forma independente para a formação de um fórum público está entre os preceitos fundamentais da profissão. Sinalizam que em tudo o que se noticia deva estar em primeiro lugar o interesse do leitor, sendo que esta faceta é a que garante ao campo a credibilidade do produto e de seus profissionais.

Parte-se do entendimento da necessidade de aprofundar o conhecimento sobre os meios e os contextos regionais das faculdades. Isso porque os futuros profissionais devem reconhecer e criticar os veículos existentes, a fim de que possam colaborar para sua melhoria. Assim, a reflexão da prática, para os estudantes de Jornalismo do Cesnors/UFSM, campus de Frederico Westphalen remete, obrigatoriamente, ao jornalismo praticado no interior, especialmente na região do Médio Alto Uruguai/RS.

As dificuldades éticas do jornalismo interiorano

A narração de parte da história está a cargo do jornalismo, que faz a história do tempo presente. O jornalismo documenta a realidade e sua importância é cada vez



maior, no que se pode afirmar que a informação se tornou um produto imprescindível na vida da humanidade. “As trocas de informações atingiram intensidade e amplitudes antes difíceis de imaginar. E a notícia, antes restrita e controlada pelo Estado e pela Igreja, tornou-se bem de consumo essencial”. (LAGE, 1987, p.8).

Sendo assim, o direito à informação abrange todos os cidadãos e cabe aos jornalistas divulgarem tais notícias. Porém, na passagem destas informações, existem preocupações que rondam os profissionais do jornalismo, como a veracidade dos fatos e o compromisso ético com a verdade, a imparcialidade nas publicações, o respeito ao ser humano e ao interesse público.

Os profissionais de jornalismo se baseiam em leis que regulamentam a profissão. No Brasil, o Código de Ética dos Jornalistas é um conjunto de regras e leis de conduta. O Código de Ética foi aprovado em 1987 durante o Congresso Nacional de Jornalistas e, por sua vez, fixa normas as quais deverão subordinar-se os profissionais, nas suas relações com a comunidade, com as fontes de informação, com as empresas e entre jornalistas. O artigo 7º estabelece que “o compromisso fundamental do jornalista é com a verdade dos fatos, e seu trabalho se pauta pela precisa apuração dos acontecimentos e sua correta divulgação”.

Tais regras do jornalismo nem sempre são cumpridas em todos os seus segmentos. Na imprensa interiorana, muitas vezes, as “boas maneiras” prevalecem sobre a ética e o interesse público. É difícil falar sobre ética na imprensa regional quando esta última ainda apresenta sintomas de veiculação direta com os “donos do poder”.

Muitas vezes nos jornais de interior se confunde promover a notícia com promover o dono do jornal, e é nessa ótica que políticos e poderosos se apóiam nos veículos de comunicação para se promoverem. Alega-se muitas vezes que por ser o jornal destinado para a comunidade, seja ele “comunitário”, porém segundo uma formulação esboçada em 1978, durante a IX Semana de Estudos de Jornalismo, promovido pela USP: “uma imprensa só pode ser considerada comunitária quando se estrutura e funciona como meio de comunicação autêntico de uma comunidade. Isto significa dizer: produzido pela e para a comunidade. (MELO, 2004, p.9).

Estas são algumas das barreiras a serem quebradas na produção da informação na imprensa interiorana, que tende a ser opinativa e pouco imparcial, segundo MARTINS & SILVA (2005). Isso ocorre, entre outras coisas, porque o jornalista “está despreparado e não possui um simples arremedo de ética”. É o que expõem RUBBO et al (2003).



Portanto, neste texto, o Jornalismo do Interior é entendido como um espaço em que há práticas de bom jornalismo, nos aspectos éticos e técnicos, e também de mau jornalismo. O compromisso com a comunidade é essencial em qualquer veículo, o que muda, ao que parece, é a aproximação desta comunidade com os meios de comunicação.

As razões deste despreparo podem estar relacionadas à falta de profissionais qualificados. A maioria dos jornais do interior não possui jornalistas e, quando possuem, são em pequena escala. Há proprietários de jornais interioranos que preferem a contratação de alunos até mesmo com outra formação, que não a jornalística. A alegação é que seriam de alto custo e também porque o estágio em jornalismo é, em verdade, proibido por lei.

Outro fator presente na imprensa interiorana é a empresa familiar, em que os pais são os donos, e os funcionários são filhos e parentes, sem ter espaço para os profissionais do ramo.

Relacionando os aspectos atuais do jornalismo do interior à história do jornalismo gaúcho, registram-se aqui as duas principais fases apresentadas por RÜDIGER (2003). Em cada uma delas, a profissão se apresenta de uma forma diferente, com filosofias distintas. Em um primeiro momento, iniciando no século XIX indo até 1930, apresenta-se um conceito de jornalismo político-partidário. Com periódicos em formatos pequenos e circulação por volta de 400 exemplares, os jornais serviam a um partido, se baseavam em difundir suas idéias, utilizando uma linguagem virulenta não poupavam idéias e nem pessoas, nem muito menos constituíam o fundamento do jornalismo. Neste período, a imprensa do interior se caracterizava por apresentar um grande número de periódicos, que tinham como característica o tamanho reduzido, além de serem considerados jornais de tribuna, devido a sua posição ideológica.

Segundo Rüdiger (2003, p.75), “na década de 1920, o jornalismo interiorano começou a perder espaço na esfera pública rio-grandense”. O jornalismo literário fez parte da transição do político-partidário para o jornalismo informativo, que abdicou do papel de dirigir a opinião pública, além de investir na modernização dos parques gráficos houve a contratação de repórteres, uma vez que o jornal passou a fazer notícias. Com o fim do jornalismo partidário, os jornais pequenos do interior foram sumindo, mantiveram-se apenas aqueles que se adaptaram à nova realidade do jornalismo que exigia investimentos em tecnologia e em escala industrializada.

Diferentemente da primeira fase, a partir de 1930 a concorrência existia entre poucas e grandes empresas jornalísticas que assumiam o papel de potências



monopolizadoras das informações. “As folhas sobreviventes adaptam-se aos novos tempos e mudam as linhas editoriais. Passam simplesmente a informar os fatos ou adotam uma postura oficialista”. (DORNELLES, 2004, p.21).

Dentre essa concorrência se encontra o Correio do Povo, fundado em 1895, por Caldas Júnior, e o Diário de Notícias fundado em 1925 que é comprado em 1930 por Assis Chateaubriand. (RÜDIGER, 2003).

A partir da nova ordem do jornalismo gaúcho, com o fechamento dos jornais interioranos, encontra-se o aumento do poder relacionado ao monopólio dos grandes conglomerados de comunicação, empresas formadas por jornais, rádios e televisão.

“A progressiva decadência dos jornais, a redução dos canais de informação massivo ao meio televisual e a subsunção do jornalismo aos esquemas de indústria cultural são acontecimentos inscritos na racionalidade da sociedade capitalista contemporânea” (RÜDIGER, 2003, p.118).

Portanto, pode-se afirmar que as mudanças históricas do jornalismo gaúcho e do jornalismo interiorano estão relacionadas ao ambiente social, econômico e político do Rio Grande do Sul. O jornalismo atende ao sistema instalado, podendo ser modificado e alterado por este ambiente e, ao mesmo tempo, colaborando para os rumos da sociedade.

Hoje, o jornalismo interiorano apresenta-se com o elevado número de títulos. A maioria segue um caráter de pequena empresa, familiar e nem sempre qualificada. O profissional, devido ao alto custo da mão-de-obra é trocado por funcionários comuns que, sem a devida formação, diminuem a qualidade do jornal.

Um estudo realizado pelos estudantes do curso de jornalismo do Centro de Educação Superior Norte RS (Cesnors), da Universidade Federal de Santa Maria revelou que, de 11 veículos de comunicação da região do Alto Uruguai, incluindo impresso e rádios, apenas em cinco deles havia a presença de jornalistas formados atuando, sendo que em três deles o profissional que presta os serviços é a mesma pessoa, além de que consta apenas um jornal onde há dois jornalistas trabalhando. Com esse resultado, é possível analisar a carência existente na região de profissionais qualificados para a atuação jornalística, o que compromete muitas vezes na própria qualidade das informações passadas pelos veículos.

O jornal que apresentamos a seguir não está entre as exceções, ou seja, seu editor é da área da Comunicação, mas não tem habilitação específica no Jornalismo.



Jornal Folha Nativa: rotinas produtivas

O jornal Folha Nativa, da cidade de Irai, distante 30 Km do novo curso de Jornalismo do Rio Grande do Sul, iniciou suas atividades em 2003, tendo como precursor da idéia Gilvano Schwanz que, mesmo não tendo formação jornalística, possui várias experiências tanto no impresso quanto no rádio. Atualmente, o jornal é feito apenas pelo dono. O periódico conta com a participação de colunistas, porém as reportagens, a edição e as outras atribuições e funções do jornal ficam a cargo de seu proprietário.

Com um formato pequeno, de 16 páginas, o quinzenal tem uma tiragem média de 1.500 exemplares. Utiliza cores na capa e contracapa, e nas páginas centrais. Para não comprometer recursos com um número maior de funcionários e com maquinário, a diagramação e a impressão são feitas de maneira terceirizada. A última é feita em uma rotativa, que, para o editor, a perda da cor e do brilho compensam pela rapidez.

O dono do jornal faz os textos e envia, juntamente com as fotografias, feitas pelo próprio Gilvano, para a pessoa responsável pela diagramação. Neste momento são melhoradas as fotos e os anúncios são montados no jornal, na cidade de Palmitos (SC). A edição segue via internet diretamente para a impressão, realizada na cidade Santo Ângelo (RS). Quando o jornal está pronto, há duas pessoas terceirizadas para fazer a distribuição na cidade.

O Jornal Folha Nativa se mantém basicamente da distribuição para assinantes e tem cerca de 700 assinaturas, segundo informações do editor. A venda de exemplares avulsos ocorre eventualmente quando os leitores procuram o jornal para comprar algum exemplar. Por esse motivo, há um bom número de cópias de cada edição.

De acordo com o editor, o jornal tem como prioridade passar informações à comunidade com uma linguagem simples, de fácil compreensão e sempre que possível com humor.

A captação de informações se dá de forma bastante rústica, por se tratar de uma cidade de aproximadamente 10 mil habitantes. Sendo o único meio de comunicação impresso, todo e qualquer fato se torna notícia, o que faz com que nem sempre ela abranja o interesse público ou tenha relevância social. Observa-se a presença constante de relises em todas as edições. Outro fator marcante é a elevada utilização de anúncios publicitários que, na edição nº86, chegou a 31 anúncios ao longo de 16 páginas, sendo que a capa trazia três manchetes pequenas contrastando com cinco anúncios.



Considerações finais

O jornalismo na região norte do Rio Grande do Sul, especialmente do Médio Alto Uruguai se apresenta como uma área em desenvolvimento. Observa-se que a região apresenta grande número de jornais e rádios estruturando a mídia regional e subjetivamente formadora de opiniões. No contexto da realidade de tais veículos, assim como em grandes centros, há problemáticas que refletem diretamente na sociedade. Tais problemas se revelam pela falta de profissionais qualificados formando o complexo dos meios de comunicação da região.

Em relação ao jornal "Folha Nativa", a estrutura não se difere dos demais impressos da região. Capta as informações de acordo com os interesses do próprio veículo e dos leitores, que aceitam a estrutura dos meios de comunicação a que têm acesso. O jornal tenta não se apegar a temas polêmicos, ou publicar críticas aos ocupantes dos cargos executivos, para não causar discussões ou inimizades com os "donos do poder".

Ao estruturar o estudo sobre a atuação do jornalista nos meio de comunicação do interior, teve-se a preocupação de levar em consideração a realidade econômica e social da região, que muitas vezes não permite a contratação do profissional adequado para a função. O objetivo principal de fazer um breve panorama geral sobre a situação da imprensa do interior e a profissionalização de seus funcionários mostrou-se relevante para a compreensão de que se devem buscar melhorias no jornalismo interiorano, na medida em que, pelos parâmetros iniciais de observação realizados, pode-se afirmar da precariedade do trabalho jornalístico.

Desta forma, cabe salientar que a rotina produtiva no jornal do interior é diversa daquela instalada em grandes redações ou em jornais estruturados. Nos pequenos, as funções jornalísticas são sobrepostas, e na sua maioria um único jornalista responde pelo conteúdo de todo o jornal, ainda mais se ele também for o proprietário. Esta estrutura aumenta ainda mais a responsabilidade do profissional e seu compromisso ético, principalmente em relação à sua contribuição para a formação da opinião pública.

Referências bibliográficas

CÓDIGO de Ética dos Jornalistas Profissionais. Disponível em:
http://www.fenaj.org.br/Leis/Codigo_de_Etica.htm. Acesso em: 11 fev 2007.

DORNELLES, B. **Jornalismo Comunitário em cidades do interior.** POA: Sagra-Luzzato, 2004.



KOVACH & ROSENTHIEL. **Os elementos do jornalismo**: o que os jornalistas devem saber e o público exigir. 2.ed. SP: Geração Editorial, 2004.

LAGE, N. **Estrutura da notícia**. São Paulo: Ática, 1987, p 64.

LINS DA SILVA, C.E. **O adiantado da hora**: a influência americana sobre o jornalismo brasileiro. SP: Summus, 1991.

MARTINS, S. L. & SILVA, E.D. A cara do jornalismo no interior. **Revista PJ:Br**. N.5, 1º sem. 2005. Disponível em: http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/dossie5_b.htm. Acesso em: 11 fev 2007.

MEDINA, C. **Notícia: um produto à venda**. São Paulo: Summus, 1988

MELO, J. M. Prefácio. In: **Jornalismo Comunitário em cidades do interior**. POA: Sagra-Luzzato, 2004.

RUBBO, D. Et al. **Jornalismo como instrumento de resgate e construção da história regional**. 6º Fórum Nacional de Professores de Jornalismo. Natal (RN), 2003. Disponível em: <http://www.fnpj.org.br/grupos.php?det=94>. Acesso em: 11 fev 2007.

RÜDIGER, F. **Tendências do Jornalismo**. POA: Ed. Ufrgs, 2003.

TRAQUINA, N. **Os desafios da transição tecnológica**. 7º Fórum Nacional dos Professores de Jornalismo. Florianópolis (SC), 2004. Disponível em: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=274DAC004>. Acesso em: 11 fev 2007.